CADERNOS MACAMBIRA

ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2199.
Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

RELATO DE EXPERIÊNCIA / EXPERIENCE REPORT

O AMOR COMO PRESENÇA: UMA AUTOETNOGRAFIA SOBRE FAMÍLIA, CUIDADO E TRANSFORMAÇÃO

LOVE AS PRESENCE: AN AUTOETHNOGRAPHY ON FAMILY, CARE, AND TRANSFORMATION

Rosiane Alves Santos[1]

[1]Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Família e Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (UCSAL), Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: rosiane.santos@ucsal.edu.br..

Recebido: 04/05/2026 - **Revisado**: 18/05/2026 - **Aceito**: 01/09/2026 - **Publicado**: 30/09/2026

RESUMO: Este relato autoetnográfico parte de minha trajetória afetiva e familiar para refletir sobre o amor como força estruturante da experiência humana. O objetivo é compreender como a ausência, o sofrimento, a maternidade, o cuidado com pessoas adoecidas, os vínculos familiares, as amizades e a espiritualidade contribuíram para a construção do meu entendimento sobre família e amor. Metodologicamente, trata-se de uma escrita reflexiva, em que vivência pessoal e interpretação teórica se entrelaçam, permitindo a produção de sentido a partir da própria experiência. Em diálogo com O Banquete, de Platão, e com autores da autoetnografia, a narrativa evidencia que o amor não elimina a dor, mas a atravessa com presença, responsabilidade e entrega. Ao revisitar minha história, percebo que amar também é cuidar, permanecer, aprender, perdoar e transformar ausências em possibilidades de vínculo. Concluo que o amor, em sua dimensão humana e ética, não se limita ao sentimento: ele se revela como prática cotidiana de sustentação, reconstrução e abertura ao outro.

Palavras-chave: Amor. Autoetnografia. Família. Cuidado. Espiritualidade.

ABSTRACT: This autoethnographic report draws on my emotional and family trajectory to reflect on love as a structuring force in human experience. The aim is to understand how absence, suffering, motherhood, caring for ill loved ones, family bonds, friendships, and spirituality have contributed to my understanding of family and love. Methodologically, this is a reflective form of writing in which personal experience and theoretical interpretation are intertwined, allowing meaning to emerge from lived experience itself. In dialogue with Plato's Symposium and with autoethnographic authors, the narrative shows that love does not eliminate pain, but rather moves through it with presence, responsibility, and commitment. By revisiting my story, I realize that loving also means caring, remaining, learning, forgiving, and turning absences into possibilities for connection. I conclude that love, in its human and ethical dimension, is not limited to feeling: it appears as a daily practice of support, rebuilding, and openness to others.

Keywords*:* Love. Autoethnography. Family. Care. Spirituality.

INTRODUÇÃO

Quando penso em família, penso em amor. E, ao pensar em amor, retorno inevitavelmente à minha história. Há em mim uma lembrança antiga e

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

persistente: a ausência do meu pai. Por muito tempo, essa ausência foi vivida como dor, como falta, como silêncio. Mais tarde, porém, compreendi que ela também me constituiu. Foi a partir dessa falta que nasceu, em mim, o desejo profundo de construir a minha própria família e de viver, nela, o amor que tanto me parecia ausente.

Esta escrita nasce desse lugar. Trata-se de uma autoetnografia, ou seja, de uma reflexão que toma a experiência pessoal como campo legítimo de produção de conhecimento, sem separar vida e pensamento, afeto e interpretação (Ellis; Adams; Bochner, 2011; Rabinovich; Silva, 2025). Ao revisitar minha trajetória, busco compreender como o amor se manifestou nas relações familiares, nos momentos de vulnerabilidade e nas experiências de cuidado, transformando-se, para mim, em presença, responsabilidade e sentido.

DESENVOLVIMENTO

Foi no casamento e na maternidade que essa compreensão se tornou ainda mais profunda. Quando meu marido enfrentou a depressão, profundamente fragilizado, eu me vi diante de uma dor que não era minha, mas que também me atravessava. Permanecer ao lado dele exigiu coragem, paciência e entrega. E eu permaneci. Nesse permanecer, compreendi que o amor não é apenas emoção; ele é decisão cotidiana, é sustento silencioso, é a disposição de acompanhar o outro mesmo quando ele parece ter perdido o chão.

A maternidade também me ensinou isso com intensidade. Ao amamentar meus filhos, eu vivia o limite do corpo: a dor nos seios, o cansaço, as noites interrompidas, a exaustão física e emocional. Ainda assim, havia algo maior que me movia. Quando eu olhava para aquele ser tão pequeno, tão frágil e tão dependente de mim, eu percebia que amar é oferecer-se inteiramente, muitas vezes sem esperar nada em troca. No sofrimento que se transformava em cuidado, eu reconhecia uma forma profunda de amor: aquela que sustenta a vida mesmo quando o corpo pede pausa.

Também nunca imaginei que cuidaria de uma pessoa doente de maneira tão intensa. No entanto, quando minha mãe passou a enfrentar crises constantes de enxaqueca, acompanhadas de vômitos e desmaios, percebi que o amor me conduzia novamente para um lugar de responsabilidade e presença. Cuidar dela passou a ser mais do que um gesto de retribuição: tornou-se um exercício de

escuta, de disponibilidade e de reconhecimento da fragilidade humana. Foi ali que compreendi que o amor amadurece quando deixa de ser apenas afeto e passa a ser cuidado concreto.

Ao olhar para trás, percebo que o amor sempre esteve presente em minha vida, mesmo quando eu não sabia nomeá-lo. Ele estava no cuidado da minha mãe, no carinho e no companheirismo dos meus irmãos, nas amizades escolhidas ao longo da caminhada, no meu trabalho, que me sustentava, e nas experiências espirituais que me ajudavam a atravessar os dias. Até mesmo a ausência do meu pai, tão dolorosa em certos momentos, hoje pode ser pensada como parte da minha formação afetiva. As ausências também nos constituem: elas nos ensinam a desejar, a buscar, a construir e, por vezes, a oferecer aos outros aquilo que sentimos faltar em nós.

Nesse percurso, compreendi também a importância do amor-próprio. Não como um ideal abstrato, mas como exercício cotidiano e difícil. Para amar verdadeiramente o outro, precisei aprender a olhar para mim com mais ternura, a acolher meus limites, a reconhecer minhas falhas e a me perdoar. Amar o outro exige, antes, uma reconciliação consigo mesma. Foi assim que entendi que o amor também cura, porque ele me ajuda a me tornar mais inteira diante da minha própria história.

A leitura de O Banquete, de Platão, ampliou essa compreensão. Cada discurso sobre o eros toca, de algum modo, a minha experiência. Fedro me faz lembrar que o amor pode gerar coragem, como aconteceu quando precisei sustentar minha família em momentos difíceis. Pausânias me ajuda a pensar o amor como compromisso ético, como escolha que ultrapassa o desejo imediato e se concretiza em cuidado e responsabilidade. Erixímaco me faz perceber o amor como harmonia, algo que também busquei nas relações em meio ao desequilíbrio e à dor.

Aristófanes, ao falar da busca pela outra metade, desperta em mim a reflexão sobre a incompletude humana. Talvez amar seja justamente reconhecer que não somos suficientes sozinhos, mas que nos fazemos no encontro. Agatão me lembra que o amor também inspira o belo, o justo e o generoso; e essa beleza, para mim, está menos na idealização e mais na delicadeza dos gestos cotidianos. Já Sócrates, pela voz de Diotima, apresenta o amor como elevação: um movimento que nasce da falta, mas que não termina nela, porque se

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052199, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2199 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

transforma em busca, aprendizado e transcendência. Por fim, Alcibíades mostra que o amor também é admiração, encantamento e reconhecimento da virtude no outro — algo que experimentei em pessoas que me inspiraram a seguir, crescer e me reinventar.

Desse modo, esta autoetnografia me permite afirmar que o que vivo não é apenas uma experiência íntima e individual, mas uma vivência que dialoga com reflexões mais amplas sobre a condição humana. O amor, em suas múltiplas formas, age em mim como força vital: dá-me coragem, ensina-me disciplina, desperta em mim o desejo de harmonia e me conduz à busca por unidade, crescimento e transformação.

Ao mesmo tempo, compreendo que a espiritualidade humanística se revela nesse caminho não como teoria distante, mas como modo de viver. Ela se expressa na abertura ao outro, na ética do cuidado, na valorização do corpo, do afeto e do espírito como dimensões inseparáveis da existência. Em minha história, amar é também um gesto espiritual: é permanecer, acolher, servir e aprender com a dor sem se deixar destruir por ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitar minha história, compreendo que o amor não me poupou da dor, mas me ensinou a atravessá-la. Ele não eliminou as ausências, mas me ajudou a dar novo sentido a elas. Não apagou minhas fragilidades, mas me tornou mais humana diante delas. E talvez seja exatamente essa a sua força mais profunda: transformar a falta em vínculo, o sofrimento em cuidado e a vulnerabilidade em possibilidade de criação.

Hoje, posso dizer que o amor foi e continua sendo uma presença que me sustenta. Ele está na família que construí, no cuidado que ofereço, nas relações que escolhi cultivar e na forma como aprendi a olhar para mim mesma. Se antes a ausência do meu pai me parecia apenas uma ferida, hoje compreendo que ela também participou da mulher que me tornei. E, ao reconhecer isso, percebo que minha história não é feita apenas de perdas, mas também de reconstruções. Assim, esta autoetnografia do amor me permite afirmar que viver é, em grande medida, aprender a amar apesar da dor, com a dor e através dela. E é nesse

movimento que encontro sentido: amar como quem cuida, como quem permanece, como quem se deixa transformar.

REFERÊNCIAS

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography: An Overview. **Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research**, v. 12, n. 1, art. 10, 2011.

PLATÃO. **O banquete**. 1. ed. Petrópolis: Vozes de Bolso, 2017.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Diana Léia Alencar (Orgs.). **Teoria e prática da autoetnografia à deriva**. Curitiba: CRV, 2025. https://doi.org/10.24824/978652518105.9